



ARTIGO DOSSIÊ

NARRATIVAS DO INSÓLITO, DISTOPIA E UTOPIA

As abelhas são mensageiras: o insólito como dispositivo para a relação entre alteridades radicais em *Maddaddão*, de Margaret Atwood, e "*Bugônia*", de Daniel Galera

Bees are messengers: the unusual as a device for the relationship between radical otherness in Margaret Atwood's *Maddaddão* and Daniel Galera's "*Bugônia*"

Las abejas son mensajeras: el insólito como dispositivo para la relación entre Alteridades radicales en *Maddaddão* de Margaret Atwood, y "*Bugônia*" de Daniel Galera

ÂNDERSON MARTINS PEREIRA

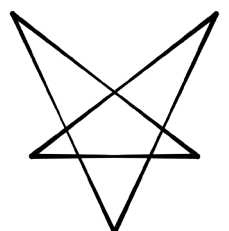
Doutor em Letras, com ênfase em Estudos Literários pela UFRGS.
Professor do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) - campus São Vicente do Sul.
E-mail: andersonmartinsp@gmail.com.

ARIANE ÁVILA NETO DE FARIAS

Doutora em Letras com ênfase em História da Literatura pela FURG.
Professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) - campus Frederico Westphalen.
E-mail: arianenetof@gmail.com.

LUIZA PRATES DOS SANTOS

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras pela UFPEL.
E-mail: lupsprates@gmail.com.





Resumo

O agravamento das crises ambientais e o colapso do antropocentrismo exploratório impulsionam uma literatura voltada à coexistência entre humanos e não humanos. Este artigo analisa o uso do insólito como dispositivo literário na construção das relações entre humanos e abelhas em *O Ano do Dilúvio* (2011) e *MaddAddão* (2019), de Margaret Atwood, e no conto “*Bugônia*”, de Daniel Galera (2021), à luz do pós-humanismo crítico. Observa-se que as abelhas deixam de ocupar um papel utilitário, integrando comunidades baseadas em comunicação, cuidado e sobrevivência relacional, sem hierarquias fixas. Nesse sentido, o insólito desestabiliza pactos realistas e tensiona binarismos como humano/animal e natureza/cultura. Destaca-se, ainda, o protagonismo feminino como mediador desses vínculos, atuando na preservação da memória, do cuidado e da tradução entre mundos, contribuindo para a imaginação de futuros éticos possíveis diante da ruína ambiental.

Palavras-chave: Pós-humanismo crítico; Insólito; Abelhas; Alteridade radical; Literatura pós-apocalíptica.

Introdução

O antropocentrismo, hierárquico e exploratório de animais humanos para com as demais espécies tem causado danos irreversíveis à fauna e à flora do planeta, sendo esses sentidos pela própria espécie humana. Para além desses impactos, crimes ambientais, como as recentes queimadas no território da Patagônia, a histórica exploração da floresta Amazônica e a recente crise climática, demarcada pelas enchentes vistas em diversas regiões do Brasil, têm feito com que essas questões sejam cada vez mais visibilizadas, demandando uma atitude social premente. Infelizmente, o tema não é abordado em consenso ou visto em profundidade, uma vez que as mudanças necessárias são sempre antissistêmicas e, em geral, anticapitalistas ao proporem uma lógica diferente da posta exploração de animais não humanos em prol do lucro.

Neste contexto, a literatura, em especial a literatura pós-apocalíptica, se debruça sobre as questões mencionadas acima através de narrativas que pensam não mais em futuros possíveis, mas em apocalipses¹ possíveis. Elas delineiam os problemas que desencadeiam na extinção de várias formas de vida, inclusive a humana, de forma mais clara. Nessa prerrogativa, o estudo aqui proposto parte de três obras contemporâneas para repensar as relações humanas com as abelhas em um devir pós-apocalíptico; além de refletir sobre o papel do feminino para a construção das novas realidades em simbiose com o que resta das espécies naturais. Para essa análise, foram selecionados os romances *O Ano do Dilúvio* (2011) e *MaddAddão* (2019), da trilogia *MaddAddão*², de Margaret Atwood, e o conto “*Bugônia*” (2021), de Daniel Galera, presente no livro *O Deus das Avencas* (2021). Compreende-se que essas histórias partem de um ideal pós-humanista crítico e buscam pensar alternativas para a manutenção das espécies sobreviventes em um mundo destruído, tendo o feminino um papel fundamental nesse processo.

1. No campo literário e cultural contemporâneo, “apocalipse” não designa apenas o fim absoluto, mas antes um evento de ruptura que desestrutura sistemas sociais, políticos, ecológicos ou ontológicos, abrindo espaço para a exposição das bases que sustentavam determinada forma de organização da vida. Assim, em narrativas pós-apocalípticas, o apocalipse funciona menos como encerramento e mais como dispositivo revelador das fragilidades do humano, da civilização e de suas tecnologias (Derrida, 1983).

2. O romance *Oryx e Crake* (2003) não foi considerado para análise, pois nele não há menção às abelhas, as quais são mencionadas a partir do segundo volume da trilogia de Atwood.



Dentro e fora da literatura, a vida animal é colocada como índice da continuidade da vida no planeta. Esse é o caso das abelhas que têm sua possível extinção epitomizada, uma vez que plantas e outros animais deixariam de existir a partir de seu desaparecimento e decorrente falta de polinização em angiospermas. Obviamente, de um ponto de vista antropocêntrico, os impactos são levados em consideração na agricultura e, conseqüentemente, no mercado, já que a escassez de alimentos deixaria o capitalismo em colapso.

Longe de uma perspectiva utópica, as relações estabelecidas entre as obras extrapolam uma visão de mutualidade servil, ainda que, a princípio, sejam relações que surgem da necessidade de evolução e adaptação. Nas obras, a interação estabelecida entre os humanos e as abelhas supera o nível de consumo, dando espaço para a construção de vínculos fraternais, transformando a visão do leitor sobre as conexões possíveis entre diferentes espécies. A partir do conceito de realidade que perpassa a experiência humana, não é possível para esses comunicarem-se com abelhas, contudo, é a partir do insólito que esses espaços adquirem significados para além de signos comuns. Assim, nas obras aqui analisadas, as abelhas operam um papel importante nas comunidades ao tornarem-se, por exemplo, produtoras de mel especial aos seres humanos. Já os humanos, em especial as mulheres, constroem uma relação não utilitária, entendendo tempos e ciclos desses insetos como fatores relevantes para o funcionamento social.

Dessa forma, pretende-se traçar paralelos, bem como investigar as possíveis interseccionalidades desses textos que se dão em lugares geográficos distintos, mas que representam ideais utópicos que partem de uma nova relação entre o humano e a natureza. Para tanto, a discussão proposta parte das contribuições teóricas de Ana Lúcia Trevisan (2023), Flávio Garcia (2007), Jacques Derrida (1997 [1976]; 2008), Thomas Nagel (1974), Donna Haraway (2023) e Carry Wolf (2009) uma vez que as obras serão abordadas em uma perspectiva pós-humanista crítica conectada ao insólito.

Para isso, compreende-se que a relação entre humano e animal, presentes nas narrativas, participa não apenas da desconstrução dos binarismos, mas da construção de uma realidade a partir da diferença e da pluralidade. As obras de Atwood (2011; 2019) e Galera (2021) constroem realidades em que essas dicotomias são superadas e as relações mutualistas configuram-se de modo utópico, superando problemas e dualidades do humanismo e explorando um mundo melhor de modo a criar uma realidade pós-humano crítica. Ainda, essas são narrativas que reiteram o feminino enquanto força motriz para os arranjos que se impõe nesse novo funcionamento social. Nesse sentido, a discussão das obras reflete acerca da relação entre as alteridades radicais humano e abelha, mostrando como o processo de ressignificação do outro é perpassado pelo insólito, sendo representado nas narrativas de maneira a criar novos espaços que sejam emancipatórios inclusive do ponto de vista ontológico, ao discutir realidade, consciência e relação mútua em prol da sobrevivência e construção de um novo começo.

Percursos teóricos entre antropocentrismo, consciência, pós-humanismo e alteridade radical

Para a compreensão da relação entre humanos e abelhas, presentes tanto nas obras *O Ano do Dilúvio* (2011) e *Maddaddão* (2019), da trilogia *Maddaddão*, de Margaret Atwood, quanto no conto “*Bugônia*”, de Daniel Galera, que compõe o livro *O Deus das Avenças* (2021), faz-se necessário o reconhecimento da centralidade dos valores antropocêntricos na colonização dos animais não humanos, colocados em posição de inferioridade quando em comparação ao humano, detentor do logos. Nessa perspectiva, consciência e racionalidade, historicamente a



serviço da espécie humana, passam a ser conceitos de desconstrução obrigatória. Aristóteles reflete (1984) que o que dá forma ao conceito de humano é a sua capacidade de racionalização, criando uma percepção gerada e compartilhada socialmente de que os demais animais são inferiores e construindo-se, então, um cenário de subalternização. Desse modo, falar sobre diferentes espécies não humanas na relação estabelecida com os humanos é falar sobre processos de violência, na medida em que aquelas devem estar sempre subjugadas a esses em seus mais variados níveis (alimentação, locomoção etc.). A relação estabelecida entre abelhas e humanos não se dá de maneira diversa na medida em que essa é também perpassada pela exploração.

Muitas são as artimanhas discursivas que asseguram ao humano a soberania sobre as demais formas de vida do planeta, sendo o fenômeno da consciência a principal manobra. A experimentação humana da realidade é perpassada por um aparato biológico singular, e entender esse processo como o único correto é parte de uma cultura antropocêntrica, o que acaba por operar como um mecanismo de validação da exploração de outras espécies, incluindo as abelhas. Contudo, Thomas Nagel (1974) argumenta que

A experiência consciente é um fenômeno generalizado. Ocorre em muitos níveis da vida animal, embora não possamos ter a certeza da sua presença nos organismos mais simples, e seja muito difícil dizer, em geral, o que fornece provas disso. [...] Pode haver implicações adicionais sobre a forma da experiência; pode até (embora eu duvide) haver implicações sobre o comportamento do organismo. Mas fundamentalmente um organismo tem estados mentais conscientes se, e somente se, existe algo que é ser esse organismo – algo que é para o organismo. (Nagel, 1974, p. 6, tradução nossa)³

A partir da compreensão da expansão da consciência enquanto um ato de ser no mundo, faz-se significativo refletir acerca da construção do que Jacques Derrida (1997 [1976]) chama de alteridade radical. Nessa medida, o conceito versa sobre a incompreensão da experimentação do mundo na perspectiva de outra forma de vida a partir do ponto de vista da própria espécie; para Derrida, as diferenças profundas que demarcam as espécies exigem formas diversas de convivência e responsabilidade. Nesse mesmo sentido, Nagel (1974) argumenta que

Queremos saber como é, para um morcego, ser um morcego. No entanto, se tento imaginar isso, fico restrito aos recursos da minha própria mente, e esses recursos são inadequados para essa tarefa. Não posso realizá-la nem imaginando acréscimos à minha experiência presente, nem imaginando segmentos gradualmente subtraídos dela, nem imaginando alguma combinação de acréscimos, subtrações e modificações. (Nagel, 1974, p. 9, tradução nossa)⁴

3. Do original: "Conscious experience is a widespread phenomenon. It occurs at many levels of animal life, though we cannot be sure of its presence in the simpler organisms, and it is very difficult to say in general what provides evidence of it. (Some extremists have been prepared to deny it even of mammals other than man.) No doubt it occurs in countless forms totally unimaginable to us, on other planets in other solar systems throughout the universe. But no matter how the form may vary, the fact that an organism has conscious experience at all means, basically, that there is something it is like to be that organism."

4. Do original: "want to know what it is like for a bat to be a bat. Yet if I try to imagine this, I am restricted to the resources of my own mind, and those resources are inadequate to the task. I cannot perform it either by imagining additions to my present experience, or by imagining segments gradually subtracted from it, or by imagining some combination of additions, subtractions, and modifications"



A consciência percebida como um modo de existência auxilia na construção de uma visão descentrada e não hierárquica a respeito das espécies. Isso traz luz ao debate do que hoje se entende por pós-humanismo crítico. É importante, nesse viés, uma pequena discussão sobre o termo, uma vez que ele encerra em si uma questão fundamental para a compreensão do humano e das relações por ele estabelecidas em um cenário utópico, bem como os descentramentos aventados na contemporaneidade sobre esse quesito.

Debashish Banerji e Makarand R. Paranjape foram os primeiros a destacar a ideia em torno do pós-humanismo crítico, em 2016; o termo fez-se presente já no título da obra: *Critical posthumanism and planetary futures*. No entanto, o conceito só será discutido epistemologicamente dois anos depois em um livro denominado *Posthuman glossary* (2018), uma coletânea de textos críticos, organizado por Rosi Braidotti e Maria Hlavajova. Um dos textos disponibilizados é o de Stefan Herbrecht; em sua contribuição, o autor divide o pós-humanismo e o pós-humanismo crítico, afirmando que

O pós-humanismo crítico é uma abordagem teórica que mapeia e se engaja na “desconstrução contínua do humanismo”. Ele diferencia entre a figura do ‘pós-humano’ (e seus avatares presentes, passados e projetados, como ciborgues, monstros, zumbis, fantasmas, anjos etc.) e ‘pós-humanismo’ como o discurso social (no sentido foucaultiano) que negocia a questão urgente do que significa ser humano nas condições da globalização, da tecnociência, do capitalismo tardio e das mudanças climáticas. (Herbrecht, 2018, p. 94)⁵

Indo ao encontro da definição acima proposta, Cary Wolfe, no livro *What is posthumanism* (2010), pontua que o pós-humanismo, enquanto corrente filosófica, é um modo de pensamento que visa cotejar diferentes espécies e grupos, reconhecendo o valor intrínseco de naturezas não humanas. O autor assinala que o conceito desconstrói os binarismos que posicionam os seres humanos como opostos e superiores ao não humano, privilegiando a inter-relação dinâmica sobre a separação e o essencialismo como formas de conhecer o mundo. A abordagem do pós-humanismo estabelece paralelos com a teoria da desconstrução de Jacques Derrida (1997 [1976]). Cary Wolfe (2010) discorre sobre a desconstrução do binarismo humano/animal defendendo que:

[c]omo sugere o ponto anteriormente formulado por Derrida, isso nos exige atentar para aquilo que chamamos de “o humano” com maior especificidade, com maior atenção à sua corporeidade, à sua inserção no mundo e à sua materialidade, bem como a como esses aspectos, por sua vez, moldam e são moldados pela consciência, pela mente e assim por diante. Isso nos permite dar a devida atenção, com Maturana e Varela, à natureza material, corporificada e evolutiva da inteligência e da cognição, nas quais a linguagem, por exemplo, deixa de ser vista (como o é no humanismo filosófico) como uma propriedade quase mágica que separa on-

5. Do original: “Critical posthumanism is a theoretical approach which maps and engages with the ‘ongoing deconstruction of humanism’ (cf. Badmington 2000). It differentiates between the figure of the ‘posthuman’ (and its present, past and projected avatars, like cyborgs, monsters, zombies, ghosts, angels, etc.) and ‘posthumanism’ as the contemporary social discourse (in the Foucauldian sense), which negotiates the pressing contemporary question of what it means to be human under the conditions of globalization, technoscience, late capitalism and climate change.”



tologicamente o *Homo sapiens* de todas as outras criaturas vivas. (Wolfe, 2010, p. 120, tradução nossa)⁶

Pode-se inferir, pelo acima exposto, que uma das principais características do pós-humanismo é indagar sobre certas éticas enraizadas no humanismo. Nessa perspectiva, Wolfe, em *Zoontologies: a questão do animal* (2003) questionará a ética por trás do binarismo humano e animal e da relação danosa entre humanos e natureza, mostrando que a ética humana sempre privilegiou a própria espécie em detrimento das outras.

Nesse cenário, é necessário destacar os aspectos políticos relativos ao pós-humanismo. Stacy Alaimo (2016) discute em *Exposed: environmental politics and pleasures in posthuman times* a necessidade de um pensamento pós-humano baseado na sociedade atual. Assim, afirma a autora que:

A tomada da terra por uma *terra nullius*, uma terra vazia, subscreveu o ataque ao povo nativo americano e aos habitats não humanos, gerando uma infinidade de lugares sem lugar – sem laços – que dificilmente são utópicos. [...] Uma ética de habitar revela-se no prazer da interconexão e na alegria do inesperado; abraça as possibilidades de devir em relação a uma alteridade radical que ficou conhecida como “natureza” (Alaimo, 2016, p. 17-18)⁷.

Alaimo sugere que o pós-humanismo se preocupa com a ética e que, por isso, é necessário rever as práticas humanas em relação à natureza. Ela assinala que a atualidade apresenta uma sociedade e um planeta doentes, sendo importante demolir a visão que vem de ideais humanistas antropocêntricos e segregadores. A *ética de habitar* proposta por Alaimo desloca o humano de sua posição soberana, reinscrevendo-o em uma rede de interrelações. Nesse sentido, habitar é um movimento de construção de vínculos entre o humano e o não humano. O pós-humanismo é posto, então, como uma forma de reconhecimento da indispensável formação de um devir-com, noção também encontrada nas reflexões propostas por Donna Haraway (2023), e a impossibilidade de uma vida em separação das demais alteridades.

Compreende-se, dessa forma, que os textos, aqui apresentados, renovam o entendimento acerca da conexão humano e natureza, ao propor uma desconstrução desse binarismo, acreditando que uma relação harmônica do primeiro com seu meio só é alcançada quando a espécie supera esses paradigmas.

Além de todos os aspectos teóricos supracitados, é imprescindível a ampliação do conceito do insólito para a análise das obras apresentadas, pois esse é um recurso literário que concretiza a coexistência e, em alguma medida, a interdependência entre as espécies. Para Ana Lúcia Trevisan (2019), historicamente o insólito teve uma função substantiva ou adjetiva,

6. Do original: “On the contrary, as Derrida’s point earlier suggests, it requires us to attend to that thing called “the human” with greater specificity, greater attention to its embodiment, embeddedness, and materiality, and how these in turn shape and are shaped by consciousness, mind, and so on. It allows us to pay proper attention, with Maturana and Varela, to the material, embodied, and evolutionary nature of intelligence and cognition, in which language, for example, is no longer seen (as it is in philosophical humanism) as a well-nigh-magical property that ontologically separates *Homo sapiens* from every other living creature.”

7. Do original: The taking of the land for a *terra nullius*, an empty earth, has underwritten the assault on Native American people and nonhuman habitats, spawning a multitude of placeless places— no places—that are hardly utopian. [...]An ethics of inhabiting revels in the pleasure of interconnection and the joy of the unexpected; it embraces the possibilities of becoming in relation to a radical otherness that has been known as “nature.”



utilizada para descrever aspectos estranhos ou excepcionais na literatura. Contudo, dadas as particularidades que ao conceito foram sendo atribuídas, o insólito foi estudado e ganhou uma acepção particular; “[...] se redimensiona, provocando os leitores a experimentar outras possibilidades de compreensão da realidade, marcadas pela desestabilização, pela inquietação e pelo questionamento dos sentidos do mundo postulado como real.” (Trevisan, 2019, n.p. *apud* Trevisan, 2023, p. 8).

Observa-se que as narrativas analisadas são apoiadas em uma ideia de realidade justamente para romper com a estrutura do real e construir uma realidade ficcional, procedimento descrito por Trevisan (2023) na construção do insólito. A exemplo disso, a relação entre as personagens da obra de Atwood pode ser interpretada, em um primeiro momento, como uma relação real e familiar; contudo, essa se expande para outra esfera, tanto ao falar com as abelhas quanto na definição da comunicação entre os humanos:

O ano do dilúvio: Você tem que pedir permissão à rainha, e deixar bem claro que não tem intenção de machucá-las. — Acrescentou que era preciso falar em voz alta porque as abelhas não leem as mentes como os humanos. Então, Toby falou em voz alta, mesmo se sentindo uma idiota. Se alguém estivesse passando e a visse conversando com um enxame de abelhas, o que poderia pensar? (Atwood, 2011, p.119).

Para além de uma palavra que define os acontecimentos inexplicáveis em uma narrativa, entende-se que o insólito participa das construções literárias rompendo com a leitura pautada em um pacto de verossimilhança realista, desvendando a [...] engrenagem imagética das construções do insólito, por meio do exame da sua retórica da expressão do indizível, reveladora de efeitos de sentido, como ambiguidade, dúvidas, asco, medo ou encantamento. (Trevisan, 2023).

À luz dessas discussões, torna-se possível compreender o insólito não apenas como um efeito narrativo de estranhamento, mas como um dispositivo capaz de tensionar e articular relações entre humano e não humano. Nas obras aqui analisadas, o insólito opera como uma via de acesso a formas alternativas de relação, percepção e coexistência, colocando em suspensão os pressupostos antropocêntricos que estruturam tanto a ética humanista quanto os regimes tradicionais de inteligibilidade do real. É nesse sentido que os territórios pós-apocalípticos figurados por Atwood (2011; 2019) e Galera (2021) não se limitam a cenários de colapso, mas configuram espaços de experimentação relacional, nos quais o vínculo entre alteridades radicais emerge como condição para a sobrevivência e para a reinvenção do comum. Dessarte, a seção seguinte dedica-se à análise de como o insólito, enquanto operador narrativo, sustenta a construção de uma relação pós-humano crítica entre humanos sobreviventes e abelhas, deslocando hierarquias, reformulando práticas de convivência e instaurando novas possibilidades de sentido.

As abelhas falam com o mundo dos espíritos: o insólito e o pós-humano crítico nas obras

Ao tratar de como as obras selecionadas representam as relações entre humanos e abelhas sobreviventes de realidades pós-apocalípticas, essa seção busca demonstrar tanto uma ausência de hierarquia quanto o insólito nessa relação. As abelhas, em ambas as narrativas, fazem parte dos mitos das comunidades humanas presentes nesses mundos em ruínas e será a partir dessas narrativas que a relação entre as espécies consegue preencher lacunas comunicacionais e teleológicas.



No conto *"Bugônia"*, de Daniel Galera, presente no livro *O Deus das Avenças* (2021), é apresentada uma comunidade pós-apocalíptica que vive em simbiose com a natureza em um planeta devastado. Nesse cenário, a presença das abelhas é significativa, simbolizando a renovação e a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente, crucial para a sobrevivência da comunidade chamada *Organismo*. Já na trilogia *MaddAddão* as abelhas funcionam como parte da comunidade, provendo alimento aos sobreviventes e sendo abrigadas por eles.

Observa-se que o insólito estabelece, nessas obras, um papel que reconfigura a forma com que se compreende as relações entre os seres. Em certa medida, o insólito pode confundir-se com uma idealização até mesmo utópica na narrativa, pois a relação acolhedora entre as personagens e as abelhas remete a um ideal harmonioso e equilibrado de convivência. Dentro do contexto pós-colapso desses universos, essas relações podem ser vistas a partir do insólito, pois, como afirma García,

[...] os eventos insólitos seriam aqueles que não são frequentes de acontecer, são raros, pouco costumeiros, inabituais, inusuais, incomuns, anormais, contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, surpreendem ou decepcionam o senso comum, às expectativas quotidianas correspondentes a dada cultura, a dado momento, a dada e específica experiencição da realidade (García, 2007, p. 19).

Na obra de Galera (2021), com as mudanças climáticas causadas por atos humanos, as abelhas sofreram uma modificação comportamental (e talvez biológica) e passaram a se alimentar de cadáveres humanos. O mel produzido por essa espécie, denominado necromel, é um precioso licor para os humanos e seu consumo serve como antídoto ou imunizante contra a *peste do sangue*. O alimento não elimina a bactéria causadora da doença, mas estabelece uma relação simbiótica, saciando-a e impedindo que ela consuma o corpo humano — o que garante a imunidade dos habitantes do Organismo. Por sua vez, esses oferecem às abelhas seus cadáveres. Isso pode ser observado na passagem: "Disse que as abelhas estavam fazendo uma novidade para que nós, humanos, pudéssemos ser novos também e era assim que o Organismo deveria funcionar." (Galera, 2021, pp. 141-142) O excerto é proferido pela personagem chamada comumente de "Velha", a qual representa uma liderança simbólica na comunidade. É ela quem vai ser a guardiã da memória do Organismo e, portanto, quem detém um alto poder de decisão. Contudo, é importante perceber que essa autoridade é transpassada pela esfera do insólito, já que é através dessas visões do oculto, do não dito, do fabulado, que perpassa sua relação de ponte entre as abelhas e a comunidade. Relação similar é vista em Atwood:

Pilar levou-a até as abelhas e disse o nome de todas, uma a uma.

— Elas precisam saber que você é amiga — comentou. — Elas sentem o cheiro da pessoa. Só se mexa bem devagar — aconselhou enquanto as abelhas cobriam o braço nu de Toby como uma pele dourada. — Da próxima vez a reconhecerão. Ah... se derem uma ferroadinha, não bata nelas. Só tire o ferrão. Mas você não será picada, a menos que estejam assustadas, porque elas morrem depois da ferroadinha (Atwood, 2011, p. 118).

No trecho acima, há uma iniciação, em que Toby conhece a colmeia, já que essa será responsável por estabelecer uma conexão entre os humanos e as abelhas. O processo remonta um ritual: Pilar diz o nome das abelhas e deixa que elas analisem o corpo da personagem. Nesse sentido, pode-se citar Tim Ingold (2007), pois, para ele, a figura do xamã pode ser compreen-



dida não como um mediador entre mundos ontologicamente separados (natural/sobrenatural, humano/não humano), mas como um especialista em modos de percepção e correspondência com o ambiente. Para o autor, o conhecimento não é um conjunto de representações abstratas, e sim algo que emerge do engajamento prático e sensorial com o mundo. Nesse sentido, o guia espiritual é aquele que aprendeu a seguir as linhas do mundo (*lines*), isto é, os fluxos de vida, movimento, som, vento, espírito e memória que constituem o ambiente vivido. Essa abordagem é interessante para pensar no processo de tradução de uma relação que se dá com uma alteridade radical. São essas personagens que carregam, através do conhecimento, da memória e do insólito, ferramentas que dão forma a relação interespecie, por um viés pós-humano crítico, que permeiam todo esse processo.

Se em *MaddAddão* (2011; 2019), Pilar insere aos poucos Toby nos ritos para com o trato das abelhas, em *“Bugônia”* (2021) a troca desse humano central (xamã, como quer Ingold) se dá de maneira diferente. A Velha representa os padrões da memória e a tradição, mas Chama, personagem central na dinâmica entre humanos e abelhas, (re)constrói sozinha sua relação com esses insetos.

As que voejavam pousam na superfície de seus cupinzeiros e descansam as asas, observando, trocando informações com rearranjos sutis de seus corpos, intrigando mais uma vez o olhar de Chama, que acredita quase detectar padrões na geometria coletiva, vultos de uma linguagem. Tão e Deia depositam o cadáver a alguns metros das colmeias sobre tufo de capim seco. Não há ritual (Galera, 2021, p. 136).

Percebe-se já ao início da passagem, como a personagem se coloca em um lugar de observação na tentativa de decodificar “vultos de uma linguagem” das abelhas. Contudo, postula Haraway (2008), no livro *When species meet*, que observar um animal implica uma ética da resposta (*response-ability*). Não basta interpretar; é preciso responder ao outro que nos interpela. A ausência de ritual chama a atenção da personagem, pois a relação das abelhas é produzida através deles. Contudo, esse espaço em branco permite à Chama criar outras formas de responder a esses seres, de colocar e estabelecer suas próprias formas de lidar com as lacunas e o insólito dessa experiência.

O zunido das abelhas a retira de si mesma. Acima do corpinho duro de Ramona, as volantes se aglomeram num grande novelo. O exame faz figuras e uma delas, Chama está convencida, é um rosto que a encara. Entende que está abusando da hospitalidade. Sorri, cheia de ternura e espanto, dá as costas às abelhas e toma o caminho de volta para casa (Galera, 2021, p. 137).

No trecho, podemos perceber que Chama enxerga no voo das abelhas figuras e percebe nesses símbolos um rosto que a interpela. É através dessa (re)construção de realidade que a protagonista consegue decodificar a mensagem das abelhas e responder a ela de modo amigável, voltando à sua comunidade. A cena também remete ao livro *The animal therefore I am*, de Derrida (2008), quando o filósofo, nu, se percebe sendo visto por um gato. Nesse sentido, temos na passagem de Chama o olhar de volta das abelhas, que a encaram. Derrida, ao pensar sobre o lugar do animal a partir dessa experiência, reflete sobre o próprio conceito de animal como uma construção linguística violenta já que sustenta hierarquias de existência e de valor ético e cunha o conceito *animot* para pensar esse momento em que um humano se vê atra-



vessado pelo olhar de um animal não humano. Contudo, salienta-se que Galera (2021) dá um passo além, pois Chama, diferente do filósofo, não fora perpassada por uma sociedade que hierarquizava e objetificava a forma de vida que a olha, mas parte de uma lógica pós-humano crítica e sorri a esses seres mostrando que não pretendia fazer mal, retornando ao seu espaço.

Ânderson Martins Pereira (2022) em tese, intitulada *A esperança que resiste ao caos: a sobrevivência do enclave utópico na distopia Maddaddão de Margaret Atwood*, examina a trilogia de Atwood atrelando a ela o termo distopia e à sobrevivência o termo *enclave utópico* e nessa distinção pensa as abelhas, já mencionadas, como índices de uma relação mais harmônica com o ambiente. Todavia, é importante salientar que a obra de Atwood introduz diferentes tipos de abelhas. Há as *comuns*, as *transgênicas* e as *espiãs*. A análise deste trabalho tem como foco as abelhas comuns que são cultivadas pelas personagens sobreviventes. As abelhas *transgênicas* são colocadas na obra para demonstrar a devastação da natureza e as tentativas de recuperá-la, não com o objetivo de resolver o problema do capitalismo e da depredação dos recursos naturais, mas sim de modificar geneticamente espécies para que essas ainda operassem em um mundo degradado. Já as *espiãs* demonstram apenas o controle exercido pelos complexos industriais, uma vez que se tratam de modificações genéticas feitas pela empresa *Corps&Corps* com o objetivo de escuta para o controle dos indivíduos.

— Leve uma mensagem — diz à abelha. — Fale para o povo do mundo do Espírito: “Por favor, mandem ajuda, logo.” — Ela sabe que é superstição, mas mesmo assim se sente estranhamente animada. Mas talvez seja uma das abelhas transgênicas que foram soltas depois que o vírus exterminou as abelhas silvestres, ou quem sabe até uma espiã ciborgue vagando pelos arredores sem controle de ninguém. Neste caso, uma abelha ineficiente como mensageira (Atwood, 2011, p. 351).

No episódio insólito da passagem acima, podemos ver que Toby tem esperanças de falar com uma abelha *comum*, pois isso garantiria a conexão dessa com o espírito. Na história, a abelha só pode ser uma mensageira entre os dois mundos se for uma abelha *comum*, não uma criação dos complexos, que, como já mencionado, tem função social diferente. Toby se relaciona com a espécie em sua imanência e espera comportamentos que atrela apenas a essas figuras.

Ainda que o foco não seja o mundo capitalista, anterior a ambas as narrativas, é importante perceber que as obras estão inscritas nesse espaço utópico, como salientado por Pereira (2022), mas essa pesquisa inova ao propor uma análise minuciosa dessa relação e como ela constrói o espaço utópico como a possibilidade de sobrevivência neste mundo decadente.

Nesse sentido, observa-se que Toby, assim como Pilar, ao longo da narrativa, é incapaz ou se recusa a explicar de modo logocêntrico a relação simbiótica estabelecida entre humanos e abelhas. A experiência compartilhada entre as espécies não se deixa traduzir integralmente pela linguagem racional, sendo frequentemente mediada por elementos insólitos, como intuições de significado, sonhos e estados alterados de consciência, muitas vezes associados ao consumo de cogumelos. Assim, a relação interespecie apresentada por Atwood ultrapassa os limites da explicação causal e objetiva, inserindo-se em um campo de experiência sensorial e espiritual que desafia a lógica convencional e convoca outras formas do insólito conectadas ao saber e a comunicação.

Esse aspecto pode ser observado no modo como Toby se dirige às abelhas, atribuindo-lhes intencionalidade, escuta e capacidade deliberativa, ainda que reconheça, em nível racional, o caráter supersticioso de tal gesto. O diálogo a seguir exemplifica essa relação:



— Minha partida não tem nada a ver com vocês, vocês cumpriram suas tarefas muito bem. Meu inimigo é que está me forçando a partir. Lamento. Espero que as circunstâncias sejam mais benéficas quando voltarmos a nos encontrar. — Sempre adotava um estilo formal ao conversar com as abelhas.

As abelhas zumbiam e chiavam, como se estivessem discutindo com Toby. Se ao menos pudesse levá-las com ela, como um grande animal coletivo coberto de pelagem dourada.

— Sentirei saudade de vocês, abelhas — acrescentou. Uma das abelhas, como se em resposta, tentou se enfiar no nariz dela. Foi afastada com uma fungada. Talvez seja melhor usar chapéu nessas entrevistas para que não entrem nos ouvidos (Atwood, 2011, p. 287).

A cena evidencia uma comunicação que não se ancora na linguagem humana convencional, mas em uma troca afetiva, corporal e intuitiva. As abelhas *respondem* não por meio de signos linguísticos decodificáveis, mas por movimentos, sons e proximidades físicas, instaurando um regime comunicacional outro, marcado pela ambiguidade. A já citada capacidade ética de responder ao outro, mesmo quando esse outro não compartilha das mesmas estruturas simbólicas ou linguísticas (Haraway, 2008) se conecta assim ao não dito, mas decodificável através do insólito.

Essa lógica também se articula à cosmologia apresentada por Pilar, na qual as abelhas ocupam uma posição privilegiada como mediadoras entre mundos. Ao afirmar que “as abelhas têm boas relações com o mundo invisível e são mensageiras dos mortos” (Atwood, 2011, p.120), Pilar insere esses insetos em uma rede ontológica que ultrapassa a separação entre vida e morte, visível e invisível.

Outrossim, essa concepção reforça a ideia de que o conhecimento, em *MaddAddão*, não se dá pela apreensão totalizante do mundo, mas por meio de aparições parciais, vislumbres e experiências limítrofes. A relação com as abelhas se apresenta de forma fragmentária, exigindo dos humanos uma postura de abertura, escuta e humildade diante do não sabido. O insólito, portanto, não opera apenas como elemento narrativo, mas como princípio epistemológico que tensiona as fronteiras entre animais humanos e não humanos, razão e intuição, realidade e fabulação.

Desse modo, tanto em “*Bugônia*” (2021) quanto em *MaddAddão* (2011, 2019), a relação entre humanos e abelhas não se constrói a partir de uma hierarquia ontológica, mas por meio de práticas de convivência que reconhecem a alteridade radical desses seres. Seja através dos rituais conduzidos por Pilar e pela Velha, seja pelas experiências sensoriais e intuitivas de Toby e Chama, as narrativas apontam para formas de sobrevivência que dependem menos do domínio técnico sobre a natureza e mais da capacidade de estabelecer vínculos éticos, simbólicos e afetivos com outras formas de vida em um mundo pós-colapso, que busca no rompimento do passado sobreviver e encontrar laços utópicos entre seres e meio ambiente.

O cuidado depois do fim: feminino, alianças e futuros utópicos

A literatura contemporânea que debate mundos pós-catástrofes vem deslocando o foco do evento apocalíptico para dar destaque às formas de vida possíveis após o colapso, interrogando os modos de continuidade em contextos marcados pela perda, pela precariedade e, fortemente, pela interdependência entre os seres. Em “*Bugônia*” (2021), de Daniel Galera,



O Ano do Dilúvio (2011) e *Maddaddão* (2019), de Margaret Atwood, esse deslocamento se realiza por meio de narrativas que articulam o cuidado, o feminino e o insólito como princípios para a imaginação de futuros utópicos. Nestes textos, o cuidado não é apresentado como característica inerente ao feminino, mas como prática situada, aprendida por personagens femininas que habitam mundos marcados por uma instabilidade radical em que o humano se coaduna a outras espécies.

Em *"Bugônia"* (2021), essa ética do cuidado é vivida sobretudo a partir de Chama, personagem que atravessa um processo de formação ética e ontológica no interior do *Organismo*. Ela não nasce integrada à lógica comunitária nem domina seus códigos; ao contrário, ela aprende a habitar um mundo em que as fronteiras entre humano e animal são constantemente atravessadas. O cuidado, para Chama é um aprendizado difícil, marcado por estranhamento, hesitação e adaptação. É nesse processo que o insólito se inscreve de maneira estrutural, não como exceção, mas como condição cotidiana da experiência.

A Velha, nesse percurso, ocupa um papel fundamental enquanto instância pedagógica, ao transmitir a Chama uma ética relacional fundada na instabilidade. Quando afirma que: "A aliança, não cansa de ensinar a Velha, é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança." (Galera, 2021, p. 176), a personagem destaca a importância de processos constantes de rearranjos na medida em que a realidade em que vivem é marcada pela mutabilidade e pela resignificação das relações que nela se estabelecem; a cada nova situação, novos cenários vão sendo construídos. Como nas utopias críticas (Moylan, 2014), o futuro não é projetado como totalidade fechada, mas como horizonte precário, continuamente ameaçado.

Essa formulação adquire densidade narrativa e ética no processo pelo qual Chama aprende a viver essa instabilidade como condição permanente do vínculo. A aliança não funciona como contrato ou fundamento seguro, exigindo dela uma atenção contínua aos corpos — humanos e não humanos — com os quais se relaciona, bem como à possibilidade sempre presente de falha e ruptura. Nesse sentido, o insólito surge dessa recusa de qualquer garantia ontológica para a comunidade: não há natureza, tradição ou racionalidade superior que assegure a continuidade do laço, apenas a prática cotidiana de reescrevê-lo. Ademais, o aprendizado de Chama desloca o cuidado do campo da norma para o da experimentação, aproximando-se da proposta de Donna Haraway (2023), segundo a qual viver em tempos de crise implica *ficar com o problema*, isto é, sustentar relações contaminadas, incompletas e arriscadas, sem a expectativa de resolução final. Chama não herda uma forma pronta de convivência; ela torna a instabilidade um instrumento para a construção da sua realidade, fazendo do insólito não um obstáculo à vida comum, mas sua própria condição de possibilidade.

O aprendizado de Chama torna-se ainda mais radical quando ela é confrontada com a integração da morte à vida comunitária, especialmente por meio da produção do necromel pelas abelhas, substância que marca a relação entre humano e não humano no conto, como demonstrado no excerto abaixo:

Para fazer necromel suficiente para o Organismo e continuar imunizando os humanos contra a peste do sangue é preciso deixar para as abelhas mais ou menos um cadáver por estação. E isso, juntando velhos e crianças, os que se matam quando querem e os natimortos, sobrando ou faltando um aqui e ali, é a quantidade de humanos que morre no Organismo sem que se precise fazer nada (Galera, 2021, p. 185).



Em um primeiro momento, tal experiência não aparece para Chama como dado natural, mas como experiência profundamente perturbadora. O insólito emerge, nesse ponto, como choque: o cadáver humano deixa de ser resíduo sagrado ou intocável e passa a integrar uma economia vital multiespécie. Ao aceitar — ainda que com dificuldade — essa lógica, a personagem aprende uma forma de cuidado que não separa vida e morte, mas as articula em um ciclo de transformação compartilhada. Nesse sentido, o corpo humano torna-se, assim, um ecossistema negociado, e a sobrevivência depende da capacidade de aceitar a coexistência com aquilo que antes era considerado ameaça. Trata-se da tentativa de criação de uma utopia conectada à necessidade de sobrevivência, em que o futuro não é garantido organicamente, mas se constrói na medida em que as interações interespecies moldam o social.

Esse processo de aprendizagem aproxima *“Bugônia”* (2021) das reflexões de Anna Tsing (2022), para quem a sobrevivência em paisagens arruinadas depende da capacidade de viver em *assemblages* precárias, compostas por encontros improváveis entre espécies. Chama, ao aprender a viver com as abelhas e com os mortos, encarna precisamente esse tipo de sobrevivência situada, na qual o futuro não é projetado como progresso, mas como continuidade frágil, sustentada por alianças contingentes.

Em Atwood (2019), o cuidado depois do fim também se estrutura a partir de uma personagem feminina em formação: Toby. Assim como Chama, Toby percebe a importância do cuidar diante da perda e da instabilidade, ao herdar saberes que não são sistematizáveis:

Foi Pilar que ensinou para Toby a esfregar um pouco de geleia real na pele antes de trabalhar com as abelhas; dessa maneira, em vez de considerá-la uma ameaça, elas andarão pelos braços e o rosto com o suave toque de seus pezinhos como pestanas, como uma nuvem passando pelo corpo. As abelhas são mensageiras, dizia Pilar. Carregam notícias de um lado para outro entre o mundo visível e o mundo invisível. Quando um ente querido cruza o limiar da sombra, as abelhas informam (Atwood, 2019, pp. 186-187).

Esse ensinamento não deve ser lido como consolo simbólico nem como promessa de transcendência, mas como a formulação de uma perspectiva relacional insólita, na qual as fronteiras entre vida e morte se tornam porosas sem jamais se anularem. As abelhas não restituem o ente perdido nem oferecem sentido à perda; elas apenas mantêm aberta a possibilidade de relação, deslocando o luto do registro da ruptura absoluta para o da comunicação precária. O insólito reside precisamente nesse estatuto intermediário: as abelhas não pertencem plenamente nem ao mundo dos vivos nem ao dos mortos, mas operam como mediadoras que tornam a ausência habitável sem resolvê-la. Ao aprender a escutar esses mensageiros, Toby não supera a morte, mas a reinscreve em uma prática cotidiana de cuidado, que se estenderá, no parágrafo seguinte, ao desejo de ter colmeias para cuidar, transformando o luto em gesto reiterado de atenção multiespécie. Assim, o ensinamento de Pilar funda uma ética feminina do cuidado que não promete redenção, mas continuidade relacional em um mundo atravessado pela perda.

O luto de Toby, assim como o aprendizado de Chama, não se resolve, mas se transforma em prática cotidiana. Ao afirmar que: “Se ao menos tivesse algumas colmeias para cuidar. Poderia dividir as notícias do dia com as abelhas, como costumava fazer com Pilar no terraço-jardim dos Jardineiros de Deus, antes de Pilar morrer.” (Atwood, 2019, p. 185). Toby revela que o cuidado funciona como forma de continuidade ética, não como superação da perda. O insólito,



nesse contexto, não é sobrenatural, mas relacional: a possibilidade de comunicar-se com os mortos por meio de insetos redefine as fronteiras do humano e do sensível.

Assim como Chama, Toby experimenta o cuidado como prática corporal atravessada pelo risco, pela instabilidade e por uma atenção constante aos limites do próprio corpo. Essa dimensão aparece de forma particularmente expressiva quando a narrativa descreve sua relação sensível e ambígua com as abelhas:

Toby sempre é tomada por uma corrente de adrenalina quando lida com as abelhas. Alguma coisa pode dar errado, um dia ela poderia exalar um cheiro estranho e se ver no meio de uma horda ardorosa e rai-vosa. Às vezes ela sonha em tomar um banho de abelhas, como um banho de espuma; a euforia de quem lida com abelhas é a mesma de quem lida com grandes altitudes ou mergulhos nas profundezas. Seria estúpido tentar um banho assim (Atwood, 2019, p. 252).

Nesse excerto, o cuidado multiespécie é apresentado como experiência limiar, situada entre o prazer e a ameaça, o desejo de fusão e a consciência do perigo. A fantasia do banho de abelhas condensa essa tensão: trata-se de um gesto imaginado de entrega radical ao outro, simultaneamente eufórico e potencialmente fatal. Ao reconhecer que seria estúpido realizar tal gesto, infere-se que Toby não renuncia à relação, mas afirma a necessidade de uma ética do cuidado fundada na atenção e na contenção, e não na dissolução completa dos limites. Dessa forma, Atwood reinscreve o cuidado como prática que exige vulnerabilidade sem apagar a diferença, aproximando-o da mesma lógica relacional e precária que estrutura o aprendizado de Chama em *"Bugônia"* (2021).

O feminino, em *"Bugônia"* (2021) e em *O Ano do Dilúvio* (2011) e *Maddaddão* (2019), não se apresenta como essência cuidadora, mas como posição narrativa e epistemológica a partir da qual o mundo pode ser reimaginado depois do fim. Chama e Toby não salvam o mundo nem restauram a ordem perdida; elas aprendem a viver em mundos sustentados por relações frágeis e improvisadas. O cuidado, nesse sentido, torna-se uma prática de resistência silenciosa.

Dessa forma, *"Bugônia"* (2021) e as obras de Atwood (2011; 2019) dialogam ao imaginar futuros possíveis a partir de personagens femininas que incorporam o cuidar como prática ética e política. O insólito, nelas, constitui-se enquanto uma condição para esses futuros, abrindo espaços vitais, mesmo que precários. Ao colocar Chama e Toby no centro dessas narrativas, os autores reafirmam que, depois do fim, não são os projetos totalizantes que sustentam a vida, mas são as práticas de cuidado que assumem protagonismo na promoção do viver com o outro.

Conclusão

O pós-humanismo crítico nas obras é abordado através da quebra das fronteiras tradicionais entre humanos e natureza, em que a humanidade deve se adaptar e evoluir não apenas tecnologicamente, mas também ecologicamente. Isso reflete uma filosofia pós-humanista que questiona o antropocentrismo e reconhece a agência e o valor intrínseco dos animais não-humanos no ecossistema. Nesse sentido, as obras abordadas servem como exemplos de como a literatura tem se debruçado nesses temas, aprofundando a reflexão sobre as relações interespécies, e, especialmente, a forma como a humanidade se comporta socialmente entre seus iguais e seus ímpares.

Nas obras de Margaret Atwood, as abelhas não são o foco principal. A trilogia gira em torno de um mundo colapsado pelo capitalismo e a forma com que os seres humanos sobre-



viventes precisam lidar com o conhecimento sobre como viver antes e depois do colapso. Há uma história pregressa ao colapso narrada na primeira obra, não analisada nesta pesquisa, *Oryx e Crake* (2018), que mostra a construção do rumo à ruína vivenciado pelos personagens nas obras subsequentes. Nesse contexto, tanto em *O Ano do Dilúvio* (2011) quanto em *MaddAddão* (2019), observa-se que em partes há uma adaptação dos seres humanos para conviverem com outros seres e, na medida do possível, preservar espécies ameaçadas. Por outro lado, a mesma indústria corporativista que arruinou o mundo como conhecido até então, continua trabalhando de forma contraproducente, transformando diversas espécies em produtos e até modificando-as geneticamente para serviço dos seres humanos.

O conto *"Bugônia"* de Daniel Galera (2021) não apenas entrelaça as abelhas em sua trama como um elemento de vital importância para a narrativa e a sobrevivência dos personagens, mas também utiliza esses elementos para provocar uma reflexão profunda sobre temas atuais e críticos como pós-humanismo e mudanças climáticas. Além disso, essas são um pano de fundo crítico no conto, sendo índice da reavaliação da relação entre humanos e ambiente. O cenário devastado serve como uma lembrança sombria das consequências de negligenciar o equilíbrio ecológico, incentivando uma reflexão sobre a sustentabilidade e as responsabilidades humanas perante a Terra.

A relação simbiótica com as abelhas sugere uma crítica às práticas destrutivas contra a natureza e aponta para uma necessidade urgente de mudança nas atitudes humanas em relação ao meio ambiente. Como manifestado pelo insólito, essa relação está baseada em uma troca na qual é possível vislumbrar um futuro alternativo ao invés de sucumbir à extinção das espécies. Na obra de Galera, essa simbiose nasce de uma necessidade humana organicamente adaptada para a coexistência com as abelhas e com a morte da própria espécie. Em Atwood, essa troca surge também de uma necessidade, mas que se ramifica entre a relação natural e a exploratória, criando segmentos sociais com diferentes motivações.

A perspectiva do pós-humanismo não como uma corrente futurista e tecnológica, mas sim como um desafio ao logocentrismo humanista e ao pensamento binário é vista como uma alternativa para os futuros que emergem mediante as problemáticas climáticas, ameaças biológicas e conflitos globais que afetam todas as espécies existentes. A literatura sugere, portanto, que um futuro utópico só é alcançado quando o homem faz um retorno idílico à natureza e assume uma posição de compartilhamento e respeito às demais espécies vivas do planeta.

Referências

- ALAIMO, Stacy. *Exposed: environmental politics and pleasures in posthuman times*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.
- ARISTOTELES. Parts of animals. Translated by William Ogle. In: BARNES, Jonathan (ed.). *The complete works of Aristotle*. Vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- ATWOOD, Margaret. *O ano do dilúvio*. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011 [2009].
- ATWOOD, Margaret. *Oryx e Crake*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018[2003].
- ATWOOD, Margaret. *MaddAddão*. Trad. Márcia Frazão. 1. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2019 [2013].
- BANERJI, Debashish; PARANJAPE, Makarand R. *Critical posthumanism and planetary futures*. Nova Delhi, Índia: Springer, 2016.



DERRIDA, Jacques. Of an apocalyptic tone recently adopted in philosophy. *Oxford Literary Review*, Oxford, v. 6, n. 2, p. 3–37, 1983.

DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997 [1976].

DERRIDA, Jacques. *The animal, therefore I am*. New York: Fordham University Press, 2008.

GALERA, Daniel. Bugônia. In: GALERA, Daniel. *O Deus das Avenças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. pp. 134–194.

GARCÍA, Flávio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: *A banalização do insólito: questões de gênero literário em literaturas da lusofonia – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna J. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HERBRECHTER, Stefan. “Critical posthumanism”; In: BRAIDOTTI, Rosi; HLAVAJOVA, Maria. *Posthuman glossary*. New York, Bloomsbury Publishing, 2018. p. 94–96

INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007.

NAGEL, Thomas. What is it like to be a bat? *The Philosophical Review*, Durham, v. 83, n. 4, p. 435–450, 1974.

MOYLAN, Tom. *Demand the impossible: Science fiction and the utopian imagination*. Ralahine Utopian Classic, ed. R. Baccolini, Oxford and Bern: Peter Lang, 2014.

PEREIRA, Ânderson Martins. *A esperança que resiste ao caos: a sobrevivência do enclave utópico na distopia MaddAddão de Margaret Atwood*. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2022.

TALLY JR., Robert T. *The fiction of dread: dystopia, monstrosity, and apocalypse*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2024.

TREVISAN, Ana Lúcia. *Na literatura, o insólito*. 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

WOLFE, Cary. *What is posthumanism?* Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2010.

WOLFE, Cary. *Zoontologies: the question of the animal*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.